

UMA ANÁLISE (SOCIO) FUNCIONALISTA DO VERBO CHEGAR EM PERÍFRASES VERBAIS: O PROBLEMA DA AVALIAÇÃO

Nayara Crisley B. B. F. Rocha
(UESB/PPGLin)

Valéria Viana Sousa
(UESB/PPGLin)

RESUMO

Esse trabalho, que parte de uma investigação maior, pretende analisar como homens e mulheres fazem uso do verbo *chegar* em estruturas do tipo [V1 (e) + V2], em que o verbo em questão atua como suporte para o verbo principal. Para isso, primeiramente, partimos de estudos funcionalistas que consideram as funções discursivo- pragmáticas da língua em uso. Depois, seguindo os rumos da Sociolinguística, observamos que há diferenças no uso do vocábulo entre homens e mulheres em estruturas em que o verbo *chegar* ultrapassa a função de verbo pleno e atinge novas funções sintáticas e semânticas.

PALAVRAS-CHAVE: perífrase, avaliação, cognição.

INTRODUÇÃO

O verbo é uma classe gramatical amplamente estudada pela tradição normativa do Português, na verdade se trata de uma classe muito importante em qualquer lugar do mundo, dada a sua complexidade para formação das línguas. Muitos autores concordam com a premissa de que, é a partir de um conceito semântico-formal que o verbo se estabelece enquanto a classe mais necessária na construção das orações. De acordo com Favéro (2008), o verbo é responsável em unir dois termos: sujeito e atributo, se subdividindo em duas funções, a saber: 1. Interna (sintático-semântica) e 2. Externa (performativa e pragmática).

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

O estudo da classe do verbo sobre o ponto de vista discursivo, que muito nos interessa aqui, teve início a partir das categorias textuais. Era a partir do estudo das sentenças que o verbo era visto, de forma tímida, como afirma Castilho (2016). Antes de se considerar o discurso no estudo dos verbos, as pesquisas seguiam na investigação dos tempos verbais em textos cênicos, de estrutura narrativa, em sua maioria de peças de teatro. Com o avanço dos estudos linguísticos e o reconhecimento de que era necessário considerar as propriedades discursivas das sentenças, numa interface sentença/discurso, na qual o verbo passou a ser considerado de forma não autônoma ou fora do discurso. É no desenvolvimento do texto que o papel do verbo se revela e as propriedades discursivas das sentenças tomam corpo.

Motivados em investigar o comportamento do verbo CHEGAR, (do lat. *Plicare* (“dobrar”)), dentro de estruturas perifrásticas do tipo [V1 (e) + V2], no presente trabalho, partimos de duas teorias. Por um lado, ancorados no Funcionalismo norte americano, hipotetizamos que, em tais estruturas, o vocábulo em questão vem assumindo um papel de suporte para outros verbos, percorrendo um caminho rumo à gramaticalização; e fundamentados na Sociolinguística, seguimos com a hipótese de que dado o papel do indivíduo no processo de mudança, as mulheres utilizam mais a expressão [CHEGAR (E) + V2] do que os informantes do gênero masculino. Consideramos para isso, ainda, que o processo rumo à gramaticalização de um item parte de uma estreita relação com processos cognitivos próprios da linguagem humana e que, por isso mesmo, precisa ser analisado a partir da descrição e da explicação dos aspectos pragmáticos e psicológicos da língua em ação. Para o que nos propomos, faremos uso, também, da teoria Sociolinguística no que diz respeito aos cinco problemas da Sociolinguística, focalizando, em especial, o Problema da Avaliação, que está diretamente relacionado com a maneira com que o falante julga o uso de uma expressão em sua comunidade de fala. (WEINREICH, LABOV E HERZOG (2006 [1968], p.124)).

Inicialmente, percorremos a visão da Tradição Gramatical a respeito de tempo composto (TC) e conjugação perifrástica (CP).

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

Segundo a tradição gramatical, falta rigorosidade na definição do que é o TC na Língua Portuguesa. Ou seja, de acordo com a literatura tradicional, a acepção que difere TC da CP é muito tênue e se mostra variante entre as gramáticas. Dentre os primeiros gramáticos que se propuseram a estudar os TCs em Português está João de Barros (1957), com a *Gramática da Língua Portuguesa*, na qual ele investiga as formas sintéticas em comparação com a língua latina, considerando que aquilo que não é sintético é composto. No entanto, ele não nomeia o evento e apenas considera que ele existe e é construído por uma sequência de verbos. Entre outros autores, tratando da tradição gramatical, é importante considerar o trabalho de Pontes (1973), no qual há o reconhecimento da autora em que existe mesmo uma confusão entre os gramáticos em definir e separar uma CP de um TC. Segundo ela, há uma exceção para Said Ali (1957), pois o mesmo se preocupou em clarear as diferenças entre TC e CP, distinguindo-os e contrariando os estudos que incluem os TCs na conjugação verbal. Segundo ele:

as diversas formas ter feito, tenho feito, tinha feito, tive feito etc. irmanaram-se todas por um traço semântico proveniente da origem comum, e o seu estudo – mau grado a tradição até o presente seguida – é para fazer-se em conjunto e fora do quadro das formas simples, aliviando-se assim o paradigma geral dos complicados ingredientes de tempos perfeitos compostos e tempos anteriores, passados e exatos. Tratase de uma conjugação perifrástica (SAID ALI,1957, p. 19).

Para Pontes (1973), os fundamentos para separar TC e CP, de fato, não são confiáveis, pois partem apenas dos estudos com o infinitivo e deixam de lado o participio e o gerúndio. Ainda assim, autores como Júlio Ribeiro (1885), Silva Jr. e Andrade (1894), Brandão (1963) e Pereira (1919) tentam definir e distinguir as TCs das CPs apresentando observações consideráveis a respeito da classificação dos

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

períodos compostos. Pontes (1973) opta, então, por abandonar as nomenclaturas utilizadas e passa a considerar o que vem a ser locução verbal, termo também utilizado por Said ali (1957), que parte do estudo de princípios para compreender segmentos verbais, a saber: o funcional, o histórico e o semântico. O mesmo autor, em estudo posterior, faz uma comparação da língua portuguesa com outras línguas classificando os verbos em nocionais e relacionais e enquadrando todo verbo auxiliar a aquele que permeia a relação dentro de construções compostas, permitindo um maior rigor no estudo de tais estruturas. Pois, dessa maneira, os verbos auxiliares passam a ser considerados tanto com verbos no infinitivo, como em composições com gerúndio e participípio.

Realizado esse percurso inicial, percorremos, agora, a visão da Tradição Linguística a respeito do tema. Na tradição Linguística, ao discutir locuções verbais e perífrases verbais, há a apresentação de várias dificuldades, entre elas a de caracterizar o que vem a ser, de fato, um verbo auxiliar.

Algumas contribuições a respeito sobre essa questão são apontadas por 1) Benveniste (1989), para quem a auxiliacão verbal une uma forma auxiliante a uma forma auxiliada que se divide em a) auxiliacão de temporalidade; b) auxiliacão de diátese; c) auxiliacão de modalidade; por 2) Ilari (1997) que, por seu turno, afirma que as perífrases são “resultado de aproximacão sintagmática de um verbo auxiliar, em uma das tantas formas flexionadas, e de uma forma nominal do verbo significativo” (ILARI, 1997,p. 34); e por 3) Barroso (1994), por sua vez, considera que a perífrase verbal gramatical é constituída de uma “unidade significativa”, onde o primeiro elemento desempenha função gramatical e o segundo elemento desempenha função lexical.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia para realizacão desse trabalho, embora utilizemos dados quantitativos, é, sobretudo, de cunho qualitativo, tendo em vista que, por meio da aplicacão de um teste de avaliacão em

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

informantes que fazem parte de uma amostra randômica, analisaremos os resultados correlacionando-os às variáveis sociais estratificadas em sexo (masculino e feminino) e em faixa etária (jovens – 15 a 25 anos; adultos – 26 a 50 anos; idosos – mais de 50 anos). (WEINREICH, LABOV E HERZOG (2006 [1968], p.124)).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da aplicação do teste de avaliação, foi possível constatar que cerca de 66% dos indivíduos do sexo masculino considera a forma [CHEGAR (E)+ V2] de uso majoritariamente feminino, além de terem, também, considerado essa forma como coloquial e desnecessária. Em contrapartida, de forma categórica, 100% dos indivíduos do sexo feminino consideram que a forma pode ser usada tanto por homens quanto por mulheres sem estigma. Além disso, as mulheres avaliam que o uso do verbo CHEGAR como suporte para outros verbos pode contribuir para uma melhor expressividade por parte do falante e, assim, conseqüentemente, a estrutura [CHEGAR (e) + V2] está sendo usada, nas sentenças, motivada por uma busca de interação mais adequada.

Segundo Labov (2008 [1972]), o problema da avaliação pode ser visto de duas formas distintas: a preocupação com a questão de comportamento linguístico e *status* social (forma direta) e a segunda, que está relacionada com a subjetividade do falante frente ao uso de uma ou outra variante (forma indireta). Nos resultados que encontramos, podemos observar essas duas formas: os homens mostraram-se mais preocupados com a questão de *status* e as mulheres voltaram-se mais para as questões subjetivas. Em uma das perguntas do teste de avaliação, solicitamos que os indivíduos completassem a seguinte oração:

1. “Eles estavam discutindo, ele tava nervoso, ela também, aí no meio da discussão _____”.
- () ...ela chegou e disse: não dá mais! Acabou!
- () ...ela disse: não dá mais! Acabou!

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

Dos homens, apenas 1 escolheu a forma perifrástica, enquanto que todas as mulheres consideraram que a forma (V1 (e) + V2) completaria melhor o sentido do enunciado. Uma das entrevistadas afirmou que “escolheu a primeira opção pra dar ênfase na fala “dela”, como se fosse uma coisa que tivesse acabado de acontecer.” Mostrando que o uso de uma forma em detrimento a outra se dá pela necessidade de maior expressividade e esse fator foi, em nossa amostra, mais reconhecido pelas mulheres do que pelos homens, com base no teste que aplicamos. Segundo Tarallo (1985), testes como esses possibilita a análise da maneira como o falante posiciona-se diante de um determinado fenômeno linguístico, com reações de cunho subjetivo a respeito do que vem a ser formas prestigiadas ou estigmatizadas em uma dada comunidade de fala.

CONCLUSÃO

Partindo da ideia de que uma investigação linguística precisa considerar uma determinada situação de comunicação e um contexto sócio-histórico e ideológico, concluímos, a partir da aplicação do teste de avaliação, que os indivíduos do sexo masculino tendem a ser menos flexíveis quanto ao uso de formas em franco processo de gramaticalização, dando um valor maior para as formas lexicais ou as formas já gramaticalizadas. Por outro lado, observamos que indivíduos do sexo feminino aceitam mais facilmente essas formas. Também, durante a aplicação do teste, observamos que os homens se preocupam mais em mostrar que dominam a norma culta da língua e, mesmo que utilizem as formas estigmatizadas, afirmam que as formas mais abstratas do verbo CHEGAR em perífrases verbais não são boas. E, se tratando de uma análise Funcionalista, vale ressaltar que é necessário levar em conta a relação entre forma e função no uso da língua. A partir disso, a integração da sintaxe, semântica e pragmática passa a ser o foco dos estudos, sendo que o componente pragmático está acima dos aspectos dos componentes sintáticos e semânticos. Dessa maneira, na análise linguística considera-se toda a situação

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

comunicativa: o propósito do evento da fala, seus participantes e o contexto discursivo, bem como, a influência extralingüística do ato da fala.

REFERÊNCIAS

- ALI, Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.
- BARROS, J. de. *Gramática da língua portuguesa*. 3.ed. Organizada por José Pedro Machado. Lisboa: sl, 1957. (1.ed. 1540).
- BARROSO, Henrique. *O aspecto Verbal Perifrástico em Português Contemporâneo*. Visão funcional/sincrônica, Porto: Porto editora, 1994.
- BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Ed. do Autor: Belo Horizonte, 1963.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.
- Fávero LL. Cortesia nas interações cotidianas. In: Preti D (org.). Cortesia verbal v.9, Projetos Paralelos – NURC-SP. São Paulo: Humanitas; 2008. p. 305-322.
- ILARI, R. *A expressão do tempo em português*. São Paulo, Contexto I. Campinas: Pontes., 1997.
- LABOV, William. *Padrões Sociolingüísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008[1972].
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática histórica*. São Paulo: Secção de Obras d' O Estado de São Paulo, 1919.
- PONTES, Eunice. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- SILVA JR., Pacheco de e ANDRADE, Lameira de. (1894). *Língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Livraria Clássica, 1894.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

**IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017**

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian e KATO, Mary A. (Org.). TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma perspectiva para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 2002. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp, 1993, p. 69-105.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto Verbal no Português*. A Categoria e sua Expressão, Uberlândia/MG, Universidade de Uberlândia, 1981.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Um estudo textual –discursivo do verbo no Português no Brasil*. 1991. 330+124 p. Tese: doutorado em Linguística. Instituto de estudos da linguagem, universidade Estadual de Campinas, campinas, 1991.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].